

*Artigos Originais***MAPEAMENTO DE PESQUISAS SOBRE A JUVENTUDE CAMPONESA NO MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO***Original Articles***MAPPING OF RESEARCHES ABOUT PEASANT YOUTH IN THE MOVEMENT OF EDUCATION IN RURAL AREAS**

Verônica Moreno Machado*

<http://lattes.cnpq.br/9750934956428865>veronicamorenomachado@gmail.com

Maria da Anunciação Pinheiro Barros Neta**

<http://lattes.cnpq.br/4780912723951170>barrosneta@gmail.com

CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

RESUMO

Este artigo visa a realizar um mapeamento no Banco de Dados da Capes a fim de identificar teses e dissertações, defendidas a partir de 1987 até 2011, voltadas a observar os jovens camponeses no processo de construção da Educação do Campo. Acreditamos que a juventude deve ser protagonista nos processos de formação nas organizações sociais, incluindo a escola, como exercício e aprendizado a fim de ser protagonista na própria organização social do seu território. O levantamento está integrado a uma pesquisa de mestrado mais ampla desenvolvida pela autora no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/Campus Cuiabá, na Linha de Pesquisa ‘Movimentos Sociais, Política e Educação Popular’. Totalizando 13 pesquisas produzidas, realizamos a leitura dos dados disponíveis, apresentamos e observamos as teses e dissertações, por instituição superior de origem, região onde foi desenvolvida a pesquisa, área de conhecimento, e, palavras-chave. Com o levantamento dessas produções, foi possível concentrar e salientar as pesquisas até então realizadas sobre os jovens camponeses no movimento da Educação do

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – campus de Cuiabá. Bolsista CAPES. Participa do Programa Institucional de Educação e Socioeconomia Solidária (PIESES) na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Integra o Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação (GPMSE) na UFMT.

** Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

campo, ampliar conhecimentos, sinalizar quais universidades de origem das produções e onde o estudo foi realizado, proporcionando assim, um panorama sobre a temática. Além de contribuir com a pesquisa de mestrado mais ampla, o mapeamento evidenciou as poucas produções sobre a temática no período pesquisado.

Palavras-chave: educação do campo. juventude camponesa. produções científicas.

ABSTRACT

This paper aims to map the Database of Capes to identify theses and dissertations defended from 1987 to 2011, that observe the young peasants in the process of construction of Rural Education. We believe that youth should be the protagonist in the processes of formation in social organizations, including the school, the exercise and learning how to be a leading figure into the social organization of their own territory. The survey is integrated into a widest research developed by the author in the Graduate on Education, in Federal University of Mato Grosso - UFMT / Campus Cuiabá, in the line of research named 'Social Movements, Politics and Popular Education'. Totaling 13 researches produced, we read the data available, presented and observed the theses and dissertations, from origin of the higher education institutions, the regions where the study was developed, area of expertise, and keywords. With the survey of these theses, it was possible to focus and highlight the research conducted on the young peasant movement of education in the rural areas, expand knowledge, signalize universities from what origin the production and where the study has been conducted, thus providing an overview of the theme. Besides contributing to the master's research, the mapping showed the few papers about the theme in the period surveyed.

Keywords: education in rural areas. youth peasant. scientific productions.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa a realizar um mapeamento no Banco de Dados da Capes a fim de identificar teses e dissertações, defendidas a partir de 1987 até 2011, voltadas a observar os jovens camponeses no processo de construção da Educação do Campo. Este está integrado a uma pesquisa de mestrado mais ampla desenvolvida pela autora no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/Campus Cuiabá, na Linha de Pesquisa 'Movimentos Sociais, Política e Educação Popular' e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – CAPES.

Com o levantamento dessas teses e dissertações, foi possível concentrar e salientar as pesquisas até então realizadas sobre os jovens camponeses no movimento da Educação do campo, ampliar conhecimentos, sinalizar quais universidades de origem das produções e onde o estudo foi realizado, proporcionando assim, um panorama de produção científica sobre a temática.

Acreditamos que para se realizar uma pesquisa no âmbito da Educação do Campo, se torna necessário compreender os paradigmas que orientam as pesquisas sobre o campo brasileiro e então, sob os princípios da Educação do Campo e identificar em qual perspectiva nossa investigação será desenvolvida.

Segundo Fernandes (2006), as pesquisas a respeito do campo brasileiro estão sendo desenvolvidas a partir de dois paradigmas: paradigma da questão agrária – PQA e paradigma do capitalismo agrário – PCA. Estes são fundamentais para a construção de métodos de análises e definição das metodologias das pesquisas no contexto camponês. Fernandes (2006) afirma que a partir deles, “os pesquisadores utilizam conceitos que expressam visões de mundo diversas e que constroem os distintos projetos de desenvolvimento do campo” (p.38).

O autor destaca que “a Educação do Campo está contida nos princípios do paradigma da questão agrária, enquanto a Educação Rural está contida nos princípios do paradigma do capitalismo agrário” (FERNANDES, 2006, p.37). No intuito de diferenciar a Educação do Campo e a Educação Rural, Fernandes (2006) salienta que a primeira vem sendo construída pelo protagonismo dos movimentos camponeses a partir do princípio da autonomia dos territórios materiais e imateriais. E a segunda, por sua vez, vem sendo construída por diferentes instituições a partir dos princípios do paradigma do capitalismo agrário – ou seja, do agronegócio, onde os camponeses são submetidos ao capital e excluídos do processo.

Partimos do pressuposto de que compreender o território camponês se torna fundamental para pesquisarmos sobre a Educação do Campo. De acordo com Fernandes (2006) “territórios são espaços geográficos e políticos, onde os sujeitos sociais executam seus projetos de vida para o desenvolvimento” (p.29). Afirma o autor que os territórios do campesinato e do agronegócio são organizados de formas distintas, a partir de diferentes classes e relações sociais. Logo, a Educação do

Campo está sob o território campesino, onde os camponeses são protagonistas no processo de construção.

Assim como Molina (2006), entendemos o campo como espaço de produção de vida e não como mercadoria para a produção de capital. Um dos desafios da Educação do Campo, assim como da pesquisa nesse contexto, se dá na construção de olhares que captem toda sua complexidade, bem como, de propor práticas educacionais as quais estão em consonância com a reprodução da vida no campo.

A Educação do Campo está sempre em permanente associação com as questões do desenvolvimento e do território no qual ela se enraíza (MOLINA, 2006). Ela “parte de uma reflexão maior sobre a construção de um Projeto de Nação, popular e revolucionário, é o chão inicial capaz de garantir o consenso dos que se reúnem em tono desta bandeira” (MOLINA, 2006, p.10). Compreendemos que ao se pesquisar nesta perspectiva, buscamos investigar também a organização social do território a ser pesquisado, a fim de produzir um conhecimento significativo para o desenvolvimento do mesmo.

De acordo com Munarim (2006) o maior objetivo a ser buscado com as políticas de Educação do Campo “é a expansão até a universalização da educação básica amparada em padrões de qualidade técnica e social” (p.23). Jesus (2006) ressalta que o projeto educativo do campo deve estar articulado com um projeto político e social, objetivando uma formação menos individualista em que vise o crescimento dos sujeitos coletivamente. Para isso, buscamos construir um novo sistema educativo no campo no qual se torna necessário “que se conheça como se constitui a infância e a juventude nesse território” (MOLINA, 2006, p.13).

Arroyo (2006) nos chama atenção para algumas metas a serem pesquisadas as quais visam a construção e a consolidação da Educação do Campo. O autor ressalta a necessidade de se conhecer a nova dinâmica do campo, bem como, a construção de sistemas educativos vinculados aos próprios sujeitos da educação.

Neste sentido, compreendemos que os jovens camponeses são sujeitos, possíveis protagonistas, essenciais na construção de uma Educação do Campo, pois são capazes de expressar seus desejos para sua própria formação. E por isso, importantes sujeitos para as investigações a serem realizadas no âmbito da Educação do Campo.

A JUVENTUDE CAMPONESA NO MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

De acordo com Pinto, Daros e Melo (2008), nos últimos anos vem sendo construída uma categoria social no cenário do campo, a juventude camponesa, termo recente, que representa uma parcela de jovens do campo articulados nos movimentos sociais populares do campo, na pastoral e na Via Campesina, buscando estabelecer uma identidade. Nesses espaços de formação os jovens vivenciam a coletividade, o que contradiz os estereótipos de jovens produzidos pela sociedade capitalista.

Primeiramente, assim como Souza, Andreatta e Rambo (2008), acreditamos ser interessante ressaltar que a juventude tem características que a diferencia, primeiro as biológicas as quais devem ser consideradas, e depois as experiências geracionais resultantes do tempo, do espaço e das condições sociais e culturais.

Em consonância, Pinto, Daros e Melo (2008) consideram a juventude como um grupo social, no qual os jovens se reconhecem e fazem a opção de viver sua juventude, caracterizados por identidades coletivas, idades, expectativas, condições sociais, objetivos e valores em comum. O universo cultural da juventude, caracterizado pelas mudanças culturais na sociedade, resulta em diferentes formas de viver e de interpretar a vida.

Souza, Andreatta e Rambo (2008) ressaltam que os jovens no campo vêm enfrentando uma absoluta falta de perspectiva para com este território, isto porque do modo como o campo está estruturado não oferece alternativas, resultando na saída massiva dos jovens do campo para a cidade com o objetivo de mudar de vida, pois não desejam vivenciar a crise financeira na qual se situa a agricultura familiar.

Historicamente, a escola rural homogeneíza, diluí e fragmenta as diversas identidades construídas. Além disso, ignora a cultura, os modos de trabalho, as diferentes maneiras de ver e de se relacionar, e, a organização do território camponês, e simplifica este a uma parte atrasada e fora do contexto atual.

Neste contexto, organização do trabalho pedagógico da escola rural desconsidera a realidade dos educandos e não constrói diálogos sobre possíveis alternativas para se construir uma vida digna no campo, sob outra perspectiva, esta

escola valoriza a vida urbana. Logo, esta escola não contribui com os jovens na busca de possibilidades de melhoria na vida do campo, tendo como finalidade única o mercado de trabalho.

Ao contrário disso, a escola do campo, especificamente para os jovens,

Deve promover conhecimentos que contribuam no desenvolvimento de técnicas para o trabalho desenvolvido nas pequenas propriedades, considerando que as tecnologias que hoje existem não são e não foram pensadas para a pequena propriedade (SOUZA, ANDREATTA e RAMBO, 2008, p.212).

A escola, como espaço de formação e diálogo, deve ser capaz de contribuir para que os jovens sejam condutores de seu próprio processo, ou seja, que os mesmos possam fazer a leitura do processo educativo e de formação, considerando a organização política e social do seu território.

METODOLOGIA DE MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

Para realizarmos o mapeamento, utilizamos o sítio do Banco de Teses da Capes a fim de identificar teses e dissertações, defendidas desde 1987 até 2011, que abordavam sobre os jovens camponeses no movimento da Educação do Campo. Buscamos no item 'Assunto – todas as palavras' as seguintes palavras-chaves: educação do campo, juventude camponesa, jovens, escola do campo, escola rural, ensino médio.

Totalizando 13 pesquisas produzidas, realizamos a leitura dos dados disponíveis, apresentamos e analisamos as teses e dissertações, por instituição superior de origem, região onde foi desenvolvida a pesquisa, área de conhecimento, e, palavras-chave. Estes, serão expostos em tabelas e gráficos seguidos de análises.

PERCEPÇÕES SOBRE OS DADOS

A Tabela 1, a seguir, aponta a distribuição das teses e dissertações entre as instituições de ensino superior e o ano de defesa das pesquisas.

Tabela 1 – Distribuição e ano de defesa das teses e dissertação sobre jovens e educação do campo, entre 1987 e 2011, nas instituições de ensino

| INSTITUIÇÕES | TESE/DISSERTAÇÃO | ANO DEFESA |
|--|--------------------------|------------|
| Universidade de Brasília | Tese | 2004 |
| Universidade de Brasília | Dissertação Profissional | 2008 |
| Universidade Federal da Bahia | Dissertação | 2006 |
| Universidade Federal da Bahia | Dissertação | 2007 |
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Dissertação | 2004 |
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Dissertação | 2011 |
| Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro | Dissertação | 2009 |
| Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro | Dissertação | 2010 |
| Universidade Federal de Pelotas | Tese | 2011 |
| Universidade Federal da Paraíba | Dissertação | 2010 |
| Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Dissertação | 2008 |
| Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Marília | Tese | 2004 |
| Universidade Estadual de Ponta Grossa | Dissertação | 2009 |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Observamos que, dentre as nove diferentes instituições de ensino, as federais representam 60% nas pesquisas e 72% das produções entre teses e dissertações, enquanto as estaduais representam 40% nas pesquisas e 28% nas produções. Percebemos então, uma supremacia das instituições públicas, o que reafirma o caráter social e popular do movimento da Educação do Campo.

Isto porque, compreendemos que as pesquisas acadêmicas que estão sendo desenvolvidas sobre a Educação do Campo, em grande parte são demandas ou estão articuladas aos movimentos e organizações sociais populares.

É interessante salientar que para o desenvolvimento programas de Educação do Campo, como o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, torna-se necessário um convênio com instituições de ensino públicas ou privadas sem fins lucrativos (PRONERA, 2011). Logo, podemos nos questionar se todas as instituições, e por sua vez pesquisadores, que desenvolvem pesquisas sobre a Educação do Campo estão comprometidas com a mesma, ou o momento atual está sendo uma oportunidade de financiamento para pesquisas.

Em relação à quantidade das teses e dissertações, observamos que 79% das produções são dissertações, incluindo uma de Mestrado Profissional, enquanto apenas 11% das produções são teses, logo, três. Acreditamos que este dado evidencia o fato da política de uma Educação do Campo ser muito nova, e principalmente, a temática sobre juventude camponesa. E que vem também explicitado nos anos de defesas das produções, todas a partir de 2004.

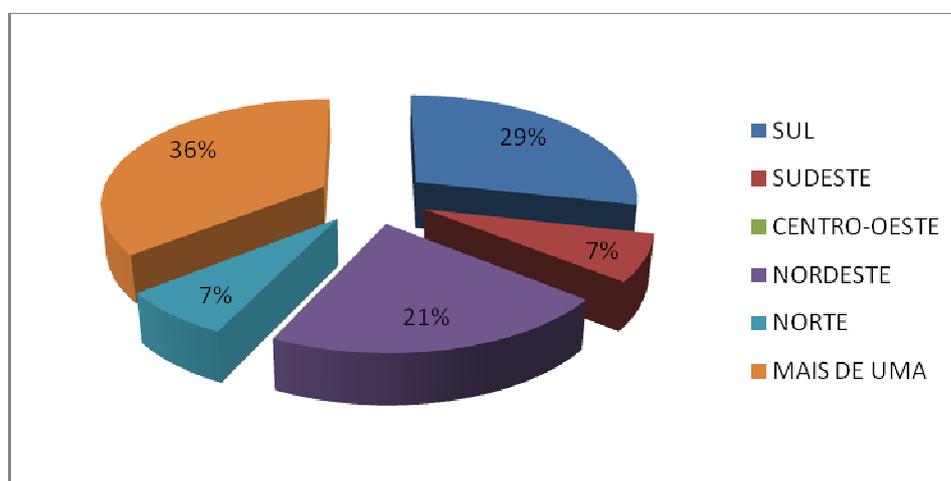
Em uma breve contextualização até o referido ano, Henriques (2007) destaca que a fim de promover e gerir ações conjuntas pela escolarização dos povos do campo em nível nacional, em 1998, foi criada a ‘Articulação Nacional por uma Educação do Campo’. Esta alcançou várias conquistas, como duas Conferências Nacionais por uma Educação Básica do Campo em 1998 e 2002, o Parecer 01/2003, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo em 2002, a instituição do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo – GPT em 2003, a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade vinculada a Coordenação-Geral de Educação do Campo em 2004. Logo, um período bastante intenso no processo de construção da Educação do Campo, o qual certamente iria ‘chegar’ nas instituições de ensino superior.

A partir das Diretrizes Operacionais de 2002, as lutas dos trabalhadores camponeses e as conquistas no âmbito da Educação do Campo continuaram crescendo, como a Licenciatura em Educação do Campo – PRONACAMPO, o Saberes da Terra, as Diretrizes Complementares em 2008, o reconhecimento dos dias letivos em alternância – Parecer 01/2006 CEB/CNE, os Observatórios de Educação do Campo, a introdução em linhas de pesquisas e extensão em muitas universidades e institutos, e o Plano Nacional de Educação do Campo instituído pelo Decreto nº 7.352/2010 (BRASIL, 2012).

Em 2012, o Fórum Nacional de Educação do Campo – FONEC, com a participação de 16 movimentos e organizações sociais populares e sindicais do campo brasileiro e 35 instituições de ensino superior, realizou um balanço crítico da Educação do Campo no Brasil e tornaram público o Manifesto à Sociedade Brasileira.

A seguir, apresentamos no Gráfico 1 a região onde foi desenvolvida a pesquisa, considerando que a região da instituição de ensino nem sempre foi a mesma da investigação.

Gráfico 1 – Região brasileira onde foi desenvolvida as teses e dissertações



Fonte: Elaborado pelas autoras.

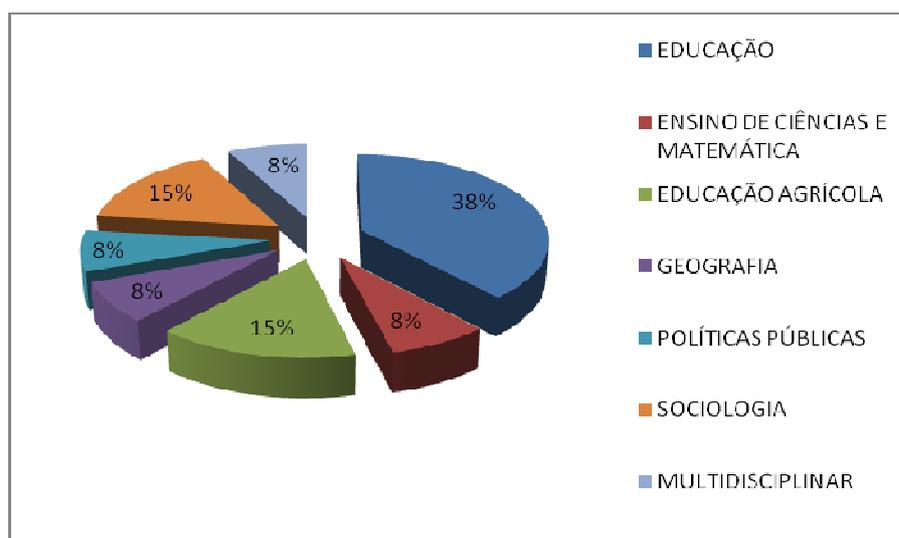
Observamos que as pesquisas são desenvolvidas 36% em mais de uma região, dentre estas apenas uma cita as regiões no norte e centro-oeste, sendo as demais desenvolvidas a fim de subsidiar todas as regiões. A partir deste dado, destacamos então que não há nenhuma pesquisa desenvolvida apenas na região centro-oeste. Em contrapartida, as regiões sul e nordeste, respectivamente com 29% e 21%, são as que mais desenvolveram pesquisas sobre a temática, enquanto as regiões norte e sudeste, apenas 7% cada uma.

Esta informação evidencia ainda que a criação de linhas de pesquisa nas instituições superiores que abarquem a temática da Educação do Campo, especificamente sobre a juventude camponesa, está crescendo junto ao movimento desta educação. Isto significa que pesquisadores por vezes precisam ingressar em

universidades que não estão no seu estado ou município, mas para realizar investigações sobre estes espaços.

Em seguida, no Gráfico 2 apresentamos os dados sobre em quais áreas de conhecimentos as teses e dissertações estão concentradas.

Gráfico 2 – Área de conhecimento das teses e dissertações



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observamos neste gráfico que a área de conhecimento com maior número de produções é a da Educação com 38%, inserido a esta compreendemos que estão as áreas de Ensino de Ciências e Matemática e Educação, respectivamente com 8% e 15%. Logo, totalizando 61% das teses e dissertações, o que acreditamos estar em consonância, pois investigam os jovens no interior das instituições educativas. Seguidas então, de 15% das produções na área de conhecimento da Sociologia, e, de 8% em cada, nas áreas de Políticas Públicas, Geografia e Multidisciplinar.

Compreendemos que as pesquisas sobre a juventude camponesa devem estar em algum aspecto articuladas à educação, isto porque, a Educação do Campo não se limita às escolas, mas à formação humana dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Uma formação omnilateral, ou seja, formação humana, intelectual, moral, contra-idealógica que possibilite condições dos jovens permanecerem no campo com qualidade de vida.

Das diversas palavras-chave elencadas nas teses e dissertações, elencamos algumas categorias significativas. Primeiramente, identificamos que os estudos abordam sobre a Educação do Campo, na perspectiva de uma educação pensada pelos e para os a população camponesa. Apenas uma produção traz o termo Educação Rural, compreendemos que historicamente esteve organizada em uma lógica assistencialista e de homogeneização do urbano (MOLINA, 2006). Ressaltamos que nosso estudo é incipiente para afirmar que a produção citada está organizada nesta perspectiva, mas pode ser uma questão para reflexões posteriores.

O território camponês e a organização social e do trabalho também são bastante explicitadas nas palavras-chave das teses e dissertações, o que caracteriza um dos princípios da Educação do Campo. No processo da construção da Educação do Campo faz-se necessário refletir sobre as especificidades e particularidades do território e sua forma de organização. Principalmente a organização do trabalho, visto que historicamente as escolas no campo foram vinculadas ao trabalho (FERNANDES, 2006), o desafio é superar o ensino mecanicista da educação para formação de mão-de-obra, e então, construir uma educação integral¹.

E, por fim a juventude camponesa é evidenciada, geralmente como sujeitos das produções científicas. Geralmente a juventude vem relacionada ao mercado de trabalho, dentro do território camponês contribuindo nas terras de sua família, e uma pesquisa em específico, que investiga o êxodo dos jovens do campo em busca também do mercado de trabalho.

Nesta perspectiva refletimos, no decorrer da pesquisa, alguns aspectos os quais consideramos interessantes a serem observados sobre os jovens camponeses. Como o acesso e sucesso na educação formal, onde quando não

¹ Compreendemos a Educação Integral “na perspectiva libertadora, pois, além de dar condições ao educando para permanecer na instituição escolar durante o processo educativo, propicia formação intelectual (estudo da Linguagem e das Ciências) e considera imprescindível a sensibilização da criança e do adolescente para compreender e vivenciar o meio ambiente com sustentabilidade, compreender e vivenciar as atividades de esporte e lazer, os direitos humanos, as diversas formas de arte (dança, música, cinema, teatro, escultura, artesanato), a cultura digital, as relações sociais fundadas em princípios éticos, dentre outras” (BARROS NETA, 2012, p.79).

buscam o ensino médio de ‘melhor’ qualidade na zona urbana, vão em busca do ensino superior que tem ainda poucas experiências no campo.

Os jovens se preocupam com a possibilidade de uma geração de renda na comunidade, que também pode ser um dos motivos do êxodo para a cidade, pois além do trabalho, pode ter acesso a cultura, ao lazer e às tecnologias. O que afinal, são direitos de todos os jovens e aspectos essenciais na sua formação humana.

As produções das teses e dissertações desenvolveram suas pesquisas nos Institutos Federais, Escolas Agrotécnicas Federais, Escolas Famílias Agrícolas – EFAs, em escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais – MT, Comunidades tradicionais e quilombolas, escolas estaduais em Assentamentos, e, em escolas urbanas com educandos oriundos do campo.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O levantamento que realizamos das teses e dissertações no Banco de Dados da Capes sobre a juventude camponesa no movimento da Educação do Campo, além de contribuir com a pesquisa de mestrado em educação em desenvolvimento, evidenciou as poucas produções sobre a temática no período pesquisado, entre 1987 e 2011.

Na análise da investigação, observamos que o contexto da juventude camponesa nas pesquisas em Educação do Campo, assim como o fenômeno desta educação, está conquistando espaço nas instituições de ensino superior. E acreditamos que com o artigo mapeamos as pesquisas concluídas sobre a temática e podemos visualizar e nos direcionar nas pesquisas sobre a juventude no território camponês.

Compreendemos que a política de Educação do Campo está em processo de construção, bem como e principalmente a participação da juventude camponesa. Mas acreditamos que a participação de todos os sujeitos envolvidos na escola do campo é essencial para o seu desenvolvimento, contemplando as particularidades do território camponês.

Com isso, entendemos que são necessárias pesquisas que investiguem primeiramente a diversidade do campo brasileiro, sua organização social, cultural e

política, evidenciando as diversas formas de trabalho. Então, refletir e observar as particularidades e especificidades dos jovens que vivem neste território, bem como, suas percepções sobre o processo de construção de suas escolas na perspectiva da Educação do Campo.

Assim, acreditamos que a juventude deve ser protagonista nos processos de formação nas organizações sociais, incluindo a escola, como exercício e aprendizado a fim de ser protagonista na própria organização social do seu território.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p.101-116.

BANCO DE TESES CAPES. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

BARROS NETA, Maria da Anunciação P. O saber como instrumento de libertação na educação integral: transcendendo espaços e tempos. In: _____; PASSOS, Luiz A.; CÉZAR, Neura. (Orgs.) **Artífice de um novo mundo**: Educação integral em Mato Grosso. Cuiabá/MT: EdUFMT, 2012.

BRASIL. FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO. **Manifesto à sociedade brasileira**. Brasília: 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p.27-39.

HENRIQUES, Ricardo; et al. **Educação do campo**: diferenças mudando paradigmas. Brasília: Cadernos SECAD, 2007.

JESUS, Socia Meire Santos Azevedo de. As múltiplas inteligibilidades na produção dos conhecimentos, práticas sociais e estratégias de inclusão e participação dos movimentos sociais e sindicais do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p.50-59.

MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

MUNARIM, Antonio. Elementos para uma política pública de Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p.15-26.

PINTO, Adriana; DAROS, Diana; MELO, Letícia T.; et al. Juventude: protagonismo no processo formativo e na ação. In: MACHADO, Carmem Lúcia B.; CAMPOS, Christiane S. S.; PALUDO, Conceição. (Orgs.). **Teoria e prática da educação do campo**: análise de experiências. Brasília: MDA, 2008, p.220-232.

PRONERA – PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA. **Manual de Operações**. Revisado e atualizado. Brasília: MDA/Incra, 2011.

SOUZA, Maria Eunice B. de; ANDREATTA, Marcelo de F. C.; RAMBO, Sirlei T. F. Um contexto, uma época: a escola e os sujeitos jovens do campo. In: MACHADO, Carmem Lúcia B.; CAMPOS, Christiane S. S.; PALUDO, Conceição. (Orgs.). **Teoria e prática da educação do campo**: análise de experiências. Brasília: MDA, 2008, p.206-216.

Artigo recebido em: 12/06/2013.

Aprovado em: 14/09/2013.